

LITERATURA DIGITAL EM SALA DE AULA: DO CONTAR AO MINICONTO

DIGITAL LITERATURE IN THE CLASSROOM: FROM NARRATING TO SHORTFICTION

LITERATURA DIGITAL EN EL SALÓN DE CLASE: DE LA NARRACIÓN HASTA EL MINICUENTO

Ânderson Martins Pereira

Mestrando do programa de literatura comparada da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)

Fabiane Lazzaris

Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Assistente na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) em Bagé/RS

RESUMO

O presente artigo busca discutir a implementação da literatura digital em aula a partir de um estudo de caso que visa o trabalho com o miniconto no Twitter, questionando-se acerca da produção de textos autorais pelos alunos e avaliação de tais experiências. Para tal, este trabalho utiliza-se especialmente das contribuições de Scholes (2011), Howitt-Dring (2011), Santaella (2010) e McLuhan (1971). Esta proposta justifica-se por contribuir com os estudos acerca da literatura digital, os quais têm se destacado nas últimas décadas e tornado disponíveis novas ferramentas para a vivência da arte em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura digital; Miniconto; Twitter.

ABSTRACT

The present paper aims to discuss the implementation of digital literature in the classroom from a study of case that worked with short fiction on Twitter, eliciting the elements that are in the production of authorial texts made by the students and how to evaluate such experiences. For such purpose, this article is based on the contributions of Scholes (2011), Howitt-Dring (2011), Santaella (2010) and McLuhan (1971). This paper is justified to contribute with the studies about digital literature, which have stood out in recent decades and have made available new tools for an artistic living in the classroom.

Keywords: digital literature; Short fiction, Twitter.

RESUMEN

El presente artículo busca discutir la implementación da literatura digital en el aula desde de un estudio de caso que busca desarrollar un trabajo con la producción de minicuentos en el Twitter, cuestionando tras la producción de textos autorales por los alumnos y la evaluación de tales experiencias. Para tal, este trabajo está basado especialmente en los aportes teóricos de Scholes (2011), Howitt-Dring (2011), Santaella (2010) e McLuhan (1971). Esta propuesta se justifica por contribuir con los estudios respeto a la literatura digital, los

quales han logrado destaque en las últimas décadas, ofreciendo nuevas herramientas hacia la vivencia del arte en el salón de clase.

Palabras-clave: Literatura digital; Minicuento; Twitter.

INTRODUÇÃO

Após um percurso de legitimação do meio digital em sala de aula e também de reconhecimento da arte produzida no meio digital, este trabalho busca discutir sobre a inserção da literatura digital no âmbito escolar e a avaliação tais experiências tomando por base o relato do projeto GLADs¹ em uma comunidade do município de Bagé. Objetiva-se problematizar a inserção, as dificuldades e possibilidades de trabalho destas novas mídias no ensino de literatura. Neste viés, se explorará a criação de conceitos, a leitura e produção de arte em ambientes digitais, visto que estas plataformas trazem intrínsecas a si a possibilidade de autoria e de compartilhamento de textos, fator este importante para a motivação do aluno à produção e veiculação de tais conteúdos nestes ambientes.

O projeto GLADS 2012, coordenado pela Profa. Fabiane Lazzaris, fez parte do Programa de Extensão Observatório de Aprendizagem da UNIPAMPA, Edital 2012. Atuou com duas turmas, na Escola Creuza Brito Giorgis e na comunidade da associação do bairro do Ivo Ferronato, no ano de 2012. Teve como primeiro objetivo o resgate da motivação da comunidade por meio da consciência e valorização da identidade local, preservando assim o patrimônio imaterial da comunidade do bairro.

A ênfase na criação de textos autorais pelos alunos se dá por entender-se que é a partir do contar histórias que o ser humano se constitui identitariamente “Nós precisamos de estórias para dar sentido a nossas experiências” [Minha tradução] (MILLER, 1990).² Sob este aspecto, a literatura digital assume o papel de dar voz ao aluno e valorizá-lo ampliando seus horizontes textuais fazendo com que este se perceba como possível produtor de arte, podendo valer-se das plataformas digitais como ferramenta para leitura e disseminação de textos de própria autoria.

¹ Projeto Gêneros Literários em Ambientes Digitais (GLADs), o qual fez parte do Programa de Extensão Observatório de Aprendizagem da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e foi fomentado pelo PROEXT MEC2012

² “We need stories to make sense of our experiences” (MILLER, 1990).

A escolha da plataforma Twitter deu-se pela dinamicidade que de certa forma torna agudo elementos de modernidade, já que segundo Bauman (2001), no livro *Modernidade líquida*, vivemos em um momento de liquefação de fronteiras conceituais. A arte produzida nesta plataforma, chamada por Freitas (2011) de “twitteratura”, é um grande exemplo deste fato na literatura digital contemporânea. Mediante a ascensão da arte na plataforma em questão, faz-se necessária a reflexão a respeito destas produções, discutindo não apenas o embricamento de um texto literário criado em um novo suporte, mas também a forma como esse texto se adapta as especificidades da plataforma e a sua efemeridade de conteúdos.

A partir dessas acepções é possível depreender a causa do sucesso de uma rede social como o Twitter. O Twitter é inovador na formatação resumida e é considerado um miniblog, por possuir o máximo de 140 caracteres por postagem, popularizando-se como herdeiro das SMS e pela necessidade de compartilhamento de status personalizado. Permite, assim, ao usuário narrar de forma concisa *O que está acontecendo (what's happening)*. Ou seja, esta é a pergunta que permeia as postagens de tweets. O *O que está acontecendo*, de certa forma, induz o internauta a respondê-la e a usar um tipo de estrutura específica para esse objetivo. É necessária ao usuário a narração do simultâneo, de “contar” sua vida através da pergunta *what's happening*. “Uma mídia social que, unindo a mobilidade do acesso à temporalidade *Always on (...)*, possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o *design* colaborativo de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais da mente coletiva” (SANTAELLA, 2010, p.66).

Nessa plataforma surge uma forma peculiar de literatura, a Literatura no Twitter ou “twitteratura”. A introdução das especificidades desta plataforma é importante, pois “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1969, p.21), ou seja, existe uma relação entre a plataforma e o conteúdo, onde o significado da mensagem pode ser alterado pelo Twitter. McLuhan foi consagrado por ser um dos primeiros a pesquisar os impactos da tecnologia no âmbito da comunicação social. Sob esse viés entende-se que a “twitteratura” se define e é modificada por algumas regras do veículo ao qual pertence. Exemplo disso é a condensação do texto em, no máximo, 140 caracteres e a utilização de algumas regras comuns aos usuários do

Twitter, a exemplo de hiperlinks, citações diretas a usuários e *hashtags*, mecanismo de agrupamento de conteúdo utilizada pela plataforma.

Assim, o reconhecimento destes textos proporcionará um ensino mais próximo da vivência do aluno, tornando mais acessível à produção de textualidades, uma vez que estes encontram-se familiarizados com a plataforma ou almejam o pertencimento ao espaço em questão, visto que já o experienciam de maneira indireta pela mídia. Através deste relato poderá ser percebida o quão frutífera pode ser a relação da literatura com as novas mídias no ambiente escolar, e quão urgente se faz estabelecer estes vínculos em nossa sociedade líquida. Neste sentido, este trabalho propõe a literatura digital e, mais especificamente a “twitteratura”, como uma possível adição ao ensino de literatura. Busca-se para isso uma reflexão sobre o literário e os conceito de textualidades de Robert Scholes (2011).

Fundamentação teórica e desenvolvimento

Fora necessário para a execução da prática em sala de aula e para esta posterior reflexão acerca da mesma uma definição do conceito de literatura que abarcasse novos fazeres artísticos. Dessa maneira, este trabalho tem uma visão mais ampla de literatura e para tal utiliza-se da noção de textualidade proposta por Scholes (2011). Sabe-se que existe, ainda, uma visão bastante conservadora e reducionista no que tange os textos literários, está visão se baseia principalmente em um corpo de cânones estanque e dos quais textos podem pertencer ou não, os textos que penetram no sistema literário são em geral de gêneros literários específicos e tais gêneros são massivamente compostos por literaturas impressas ou produzidas para veículos impressos. Tal visão da literatura não permite a legitimidade de um fazer literário digital.

Nós necessitamos expandir a noção de literatura para incluir sinais que não são verbais. Tudo em um texto que tem significado é um signo, incluindo representações

visuais de eventos e música que influenciam nossa percepção do que vemos (SCHOLES, 2011, p. 12, tradução do autor)³.

Como visto na passagem acima Scholes propõe o alargamento das fronteiras do que se considera literatura. Para que se consiga trabalhar em sala de aula com literatura digital ou, no caso desta esperança, com twitteratura, é necessária uma revisão do conceito de literário e/ou literatura. Scholes entende que o conceito tradicional de Literatura se limita a textos específicos que são intocáveis para o aluno em nível de escrita. Ou seja, a noção tradicional de literatura implica em um distanciamento entre leitura e escrita. Por esse motivo Scholes amplia a noção de literatura apresentando o conceito de “textualidade”. Ainda que não seja o objetivo deste trabalho propor o câmbio de um termo por outro a função de um alargamento das fronteiras é primal, pois assim pode ser incluso ao campo da literatura vários textos artigos que não são abarcados nos currículos escolares correntes.

Outro conceito importante para avaliar esta prática é o conceito de minicontos. Para tal não foram encontradas, teorias de análise em narrativas que contemplassem as especificidades dos minicontos no Twitter. Assim, analisou-se os textos em quanto narrativas, obedecendo os critérios ditados pelo gênero textual e pela plataforma. Neste sentido, no Livro intitulado *Como analisar narrativas*, a autora a autora Candida Vilares Gancho apresenta elementos básicos a todos textos narrativos.

Qualquer pessoa é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir; tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê? (GANCHO, 2006, p. 06)

Como visto na passagem acima a ambientação é necessária ao conto, porém a análise de tais dados no miniconto unifrásico torna-se pouco palpável nestes critérios na medida em que grande este se utiliza em uma escala pungente de elementos externos ao texto. No miniconto, muitos dos elementos citados acima se encontram fora do texto e residem nas

³ “We need to stretch the notion of literariness to include signs that are not verbal. Everything in the text that carries meaning is a sign, including visual representation of events and music that influences our perception of what we see” (SCHOLES, 2011, p. 12)

associações feitas pelo leitor, as quais podem se valer do contexto social vigente, de contextos passíveis de entendimento, elementos extratextuais que podem se localizar até mesmo na ausência, no não dito. Neste viés, a análise de miniconto e principalmente do miniconto no Twitter deve levar em conta outros fatores.

Holly Howitt Dring (2011) demonstra, no excerto abaixo, as características do miniconto, legitimando, assim, o apagamento de momentos menos importantes ou introdutórios e descrições que muitas vezes são enxugadas para que se permaneça apenas o mais importante da história. Deixando ao encargo do leitor a leitura dos silêncios.

A razão para minicontos geralmente começarem no meio da história, que desejam contar, é que isso os faz mais vívidos, rápidos, carregados de expectativa e mostrando ao leitor uma intimidade imediata, algo não usual e fresco. Ainda que formas longas de ficção usem este dispositivo também, isto não é tão constante como no caso do miniconto, que quase exagera o quanto histórias longas utilizam essa técnica. O tom, apesar da postura desta atividade, tende a ser um de significado não falado. Um grande peso na história de sutilezas de implicações em entendimento do silêncio (HOWITT-DRING, 2001, p.53, tradução do autor)⁴

A autora rememora que os mitos tribais antigos se atinham ao básico e eram muito similares aos minicontos, sua miniaturização devia-se ao fato de que estes ritos de passagem deviam ser facilmente memorizáveis e passáveis para outros indivíduos na aldeia. Para estas produções que enceram em si o mínimo de elementos importantes, a autora propõe outras características como constituem destes minicontos e passíveis de avaliação. É importante enfatizar que tais critérios de avaliação das produções narrativas, são necessários para que possamos guiar ou reconhecer nos alunos a adequação ao gênero e a atividade proposta. Dessa forma, os seguintes elementos foram considerados na avaliação dos textos feitos pelos alunos no projeto.

⁴ “The reason microfictions often start in the middle of the story they wish to tell is that it makes them lively, sudden, laden with expectation and showing the reader an immediate intimacy – something unusual and fresh. Although longer forms of fiction use this device too, it is not such a constant as it is in microfiction, which almost exaggerates the devices of longer stories in this technique. The tone, however, despite this active stance, tends to be one of unspoken meaning, a heavy weight on the story, of the subtleties of implication and the silence of understanding” (HOWITT-DRING, 2001, p.53)

A sigla S/I/M/P/L/E representa: “esparsividade”, implicações, minimalismo, precisão, leveza e Energia. Esparsividade e minimalismo é o centrado em fazer toda a palavra contar, fazer todo o significado importar. Precisão seguiria, por conseguinte, na brevidade focada e em troca daria ao texto uma energia, um entusiasmo que não pode ser contido neste pequeno espaço. Leveza talvez seja relevante no tom do miniconto. É um dos princípios no qual sentimento e filosofia não devem ser trabalhados. O texto de falar por si e para si. Contudo, eu creio que são as implicações a chave para destrancar os segredos da microficcão. (HOWITT-DRING, 2001, p.55, tradução do autor)⁵

Os princípios de “esparsividade” e minimalismo são interdependentes e considerados pela autora a chave do gênero literário. Dizem respeito à necessidade do mínimo e de um compartilhamento de significado dentro deste. Contudo, todos os elementos descritos por Howitt-Dring serão levados em consideração nas produções que se darão na sequência, ainda assim em virtude do espaço em cada produção serão elencados os elementos mais pontuais a cada produção para a reflexão sobre o texto e a prática.

RESULTADOS

Neste seguimento será discutida a produção dos alunos com base nos critérios discutidos na metodologia, tal discussão busca versar sobre a aquisição do gênero proposto e sobre a aquisição de um fazer artístico em uma plataforma específica que é o Twitter.

O primeiro princípio que veremos é o da “implicação” e diz respeito a ir diretamente ao ponto ou cena principal. Este se vale das conexões feitas pelo leitor para depreender elementos secundários e objetiva a catarse.

“era uma vez uma princesa que conheceu a angelina joli e viajaram de avião, e eles caiu e morreram todos #GLADS2012” (SILVA, 2012, *online*)

⁵ “The acronym S/I/M/P/L/E represents: sparseness, implication, minimalism, precision, lightness and energy. Sparseness and minimalism have to be key features of microficcão, because microficcão is centered on making every word count, making every meaning matter. Precision would therefore follow on from this focused brevity. And that would in turn give the text an energy, a volubility which its small space cannot contain. Lightness perhaps is relevant as the tone of microficcão is one in which sentiment or philosophy should not be laboured: the text should speak for itself, and by itself. But implication, I believe, is the key to unlocking the secrets of microficcão.” (HOWITT-DRING, 2001, p.55)

No miniconto acima são elencados dois personagens, a princesa e Angelina Joëlie. Ambas as personagens se encontram em um avião, o lugar do avião não é estranho ao leitor, em geral, pois este está familiar com os filmes de ação protagonizados pela atriz e nos quais ela escapa da morte por suas incríveis habilidades físicas e mentais, este fato leva o leitor a um fator inesperado no final do conto, pois todos os tripulantes do avião morrem e nem mesmo Jolie se salva. O número de tripulantes, quem pilotava e sob quais condições não é importante, somente o final é dissecado em uma catarse enxugada a exaustão na passagem “morreram todos”. Existe somente a exposição dos personagens e do cenário e o desfecho deixando os motivos para tal ao encargo do leitor.

O princípio da “leveza” refere-se a não trabalhar as emoções mostrando elas nos fatos ou apenas as deixando a cargo do leitor. Segundo Howitt-Dring isto tem a ver com o tom do miniconto e não há necessidade de introduzir algo que possa ser percebido pelo fato em si.

“estava em cs quando vi 1 barulho estranho no meu pátio, fui ver, era 1 arvore azul que n dava frutos e sim notas de 100 reais #GLADS2012”(PORCIUNCULA, 2012, *online*)

No miniconto acima, descobrimos que o personagem levantou e viu uma árvore azul e que esta árvore dava notas de 100 reais. Pode-se reconstituir a cena e imaginar a roupa que o personagem estaria usando e preencher a narrativa com a descida pela escada, a abertura na porta e a emoção que ele sentira ao ver aquela árvore azul. Teria ele ficado surpreso? Assustado? Qual seria sua emoção ao descobrir que a árvore dava ao invés de frutos, dinheiro? Teria ficado feliz? Teria sorrido? Estas são lacunas para o leitor preencher.

“Precisão” refere-se justamente à objetividade, narrar exatamente o que é necessário, indo direto ao ponto. Este ponto está imbricado com o princípio da energia, visto que quanto mais rápido o leitor for levado a encarar a catarse mais energia estará condensada na leitura. Esta é uma das causas de não haver introdução ou contextualização do fato, sendo o fato o único elemento importante e digno de ser narrado.

“Era1vesRapumzel.ela voou no avião com a Diuma iai o avião caiu.apareceu1picachu iai a pareceu1nija.viveram felizes sempre! #GLADS2012” (FERRREIRA, 2012, *online*)

Como se pode ver esse princípio não foi nesta produção. Ainda que o aluno tivesse um espaço reduzido de caracteres ele optou por reduzir as frases e os espaços em detrimentos de itens que ele considerava essenciais, mas que poderiam ser facilmente suprimidos. Ainda assim o elemento leveza, por exemplo fora preservado.

“Acho melhor a gente ser só amigos. Realmente ficaram amigos. Nunca mais se falaram #GLADS2012” (*BIBI*, 2012, *online*)

“bebê chorando, mamadeira vira. Nunca fazer um filho sedo #GLADS2012” (PORCIUNCULA, 2012, *online*)

Apenas nos dois minicontos acima foram reconhecidos todos os princípios de Howitt-Dring (2011). Em ambos podemos observar que: só o necessário é narrado (minimalismo), os elementos têm significado em todas as ações (Esparsividade), não são trabalhadas as emoções (Leveza), o miniconto leva para o ato final estabelecendo conexões nos eventos (Implicações), vão direto aos fatos principais (Precisão) e condensam a narrativa de forma a obter o maior efeito possível (Energia).

Ainda que nem todos os minicontos produzidos tenham mostrados todos os princípios defendidos por Howitt-Dring, a premissa desta análise é a de que mesmo que não

existam todos os elementos a serem considerados e avaliados como pertencentes ao gênero literário proposto, existe uma escala artística e estes textos não devem ser desconsiderados. Scholes fala a respeito da necessidade de não rotular de forma ríspida produções como pertencentes ou não ao campo da literatura.

Nós não negaríamos que certos tipos de textos, como instruções, estão geralmente muito em baixo em uma escala literária, mas nós acreditamos que existe uma escala e textos descritivos em toda esta escala. Esta escala é uma medida de uma qualidade que nós poderíamos chamar “literariedade” (SCHOLES, 2011, p.24)[Minha tradução]⁶

Como visto acima, a escala proposta pelo autor é mais relacionada aos gêneros, mas pode ser também colocada em adequação aos mesmo. Dessa forma não considera-se nem um texto como não literário, mas sim como em processo de aquisição do gênero e da modalidade artística. Ainda que Scholes aponte a dificuldade de mensurar esta escala de forma clara, ele afirma haver uma escala. Por isso, consideramos este olhar para uma escala de possibilidades ascendentes, uma visão para o processo e entendemos que todos os alunos podem se desenvolver nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos desafios enfrentados na prática fora a questão do cânone e este é discurso é reproduzido não apenas por professoras, mas por alunos. É visto que o cânone é importante para a legitimação e identificação da literatura, porém é necessário expandir as fronteiras textuais a serem trabalhadas na aula de literatura. Este de certa forma congela em si um conceito de literatura muito menos flexível do que a sociedade da qual é produto. Este

⁶ “We would not deny that certain kinds of texts, like instructions, are usually very low on the literary scale, but we all believe that there is a scale, and expository texts all along that scale. This scale is a measure of a quality we may call “literariness” (SCHOLES, 2011, p.24)

problema se acentua na educação, onde nos é ensinado uma literatura imutável que não dá conta do novo. Assim, o problema é que a noção do conteúdo de literatura fica intrinsicamente conectada à noção de produto ditado pelo cânone. Desta forma os alunos não necessitaram ser convencidos que havia legitimidade no que estavam fazendo e que eles poderiam de fato produzir arte e que as atividades direcionadas ao Twitter eram importantes e não perda de tempo.

Ainda que este trabalho perpassasse questões ligadas à legitimidade da literatura digital, a toma como pressuposto, objetivando uma reflexão acerca de sua implementação em sala de aula. Entende-se que para muitos profissionais, tanto a literatura digital como o espaço digital em si são, muitas vezes, utilizados como pretexto ou degrau para chegar-se a um fim maior ou a outro gênero considerado mais importante, tendo a literatura digital importância secundária ou meramente motivacional.

Neste sentido, buscou-se discutir algumas questões que permeiam a execução deste objeto, ainda que o foco se desse em torno do relato. Para que, dessa forma, através do planejamento e implementação deste fomentem-se discussões acerca da implementação, da metodologia, da literatura e do olhar para a literatura digital.

Outro ponto relevante a ser destacado é a questão do acesso, visto que muitos professores pontuam a falta de acesso por parte dos alunos, ou mesmo do trabalho árduo em função de tempo gasto em letramento digital. Os alunos atendidos neste relato vinham de uma realidade carente, mas possuíam uma grande vivência digital, se não conectados na própria casa, iam na casa do colega, conectavam-se pelo celular ou iam à *lan houses*. Assim, o letramento digital na plataforma Twitter não foi uma tarefa difícil. Ainda assim os alunos não se utilizavam deste espaço para consumir ou produzir artisticamente.

É necessário reavaliar e expandir as fronteiras da literatura. Conseguir ver nela um reflexo da comunicação. É inegável que a comunicação vem mudando em virtude das novas tecnologias e que o ser humano as vem utilizando para produzir arte.

Em segundo lugar, a essa escolaridade é usualmente inerente uma considerável preocupação com o **ensino da língua**, tanto numa perspectiva funcional e comunicativa, (porque a língua é veículo primordial de representação e comunicação), como sob um ponto de vista ideológico-cultural: no que a este diz

respeito, o ensino da língua apoia-se com frequência (e não se trata agora de saber se pertinentemente ou não) na literatura, na medida em que nela recolhe textos que, entendendo-se como linguisticamente **normativos**, são representativos de uma identidade **cultural** que se pretende apurar e aprofundar (REIS, 2003, p. 37)

Neste sentido a ideia de Reis (2003) se aproxima à de Scholes (2011). Não só na medida em que aproxima o ensino de língua e de literatura, mas na medida em que pontua as questões culturais como um reflexo percebido na literatura. Assim, torna-se fácil perceber a defasagem que existe entre os vários gêneros e formas de textualidades que existem e o que é realmente trabalhado e de que forma em sala de aula e a urgência de se modificar esta realidade. É necessário que o aluno utilize as textualidades e as produza ativamente. Acredita-se que a aula de literatura pode ser mais expressiva focando um pouco mais no processo, dando a pena ou o computador ao aluno e fazendo com que este interaja mais com o processo de aprendizagem.

Entendeu-se que a prática cumpriu com os objetivos principais que eram o incentivo à produção de gêneros literários e a valorização da “contação” de histórias através desses gêneros. O objetivo deste relato é a discussão acerca desta aplicação e das questões metodológicas e avaliativas que foram levadas em consideração e o porquê de suas escolhas. Dessa forma, espera-se que este trabalho sirva para fomentar a discussão acerca da aplicabilidade da literatura digital, da necessidade de inclusão de novas mídias na aula da literatura.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de: Plínio Dentzien. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FERRREIRA, João Vitor . *Era1vesRapumzel.ela voou no avião com a Diuna iai o avião caiu.apareceu1picachu iai a pareceu1nija. Viveram felizes sempre! #GLADS2012*. 14 Mai 2012.

Twitter: @joaovifallves. Disponível em: <https://twitter.com/joaovifallves>. Acesso em: 05 Abr 2013.

FREITAS, Daniele Souza. *Twitteratura: A arte de escrever em até 140 caracteres*. 2011. 72f. Monografia (Graduação em Letras Português /Inglês)- Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão. 2011.

GANCHO, Cândida Vilares, *Como analisar narrativas*. – 9ed. –São Paulo: Atica, 2006

HOWITT-DRING, Holly. *Making micro meanings: reading and writing*. In: *Short Fiction in Theory*. 1 ed . Alissa Cox. Bristol: Intellect Ltd Articles, 2011. p. 47-58

MCLUHAN, Marshall. *Revolução na comunicação*. Tradução de: Álvaro Cabral. –Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1971.

MCLUHAN, Marshall, *O meio é a Mensagem*. In: *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, São Paulo: Cultrix, 1969 – pp. 21-37.

MILLER, J.Hillis. *Narrative.Critical Terms for Literary Study*. Frank Lentricchia and Thomas McLaughlin.Chicago: TheUniversity of Chicago Press, 1990. p.66-79.

PORCIUNCULA, Cristian . *bebê chorando, madeira vira. Nunca fazer um filho sedo #GLADS2012*. 27 Abr 2013. Twitter: @_umpequenoC. Disponível em: https://twitter.com/_umpequenoC. Acesso em: 05 Abr 2013.

PORCIUNCULA, Cristian. *estava em cs quando vi 1 barulho estranho no meu pátio, fui ver, era 1 arvore azul que n dava frutos e sim notas de 100 reais #GLADS2012*. 04 Mai 2012. Twitter: @_umpequenoC. Disponível em: https://twitter.com/_umpequenoC. Acesso em: 05 Abr 2013.

RAÍSSA, . *1 princesa que encontrou 1bruxa q lhe enfeitiçou, então veio 1 nija e lutou cm a bruxa e quando olhou pr princesa o feitiço c foi' Fim #GLADS2012*. 04 Mai 2012. Twitter: @Fimdo_dia. Disponível em: https://twitter.com/Fimdo_dia. Acesso em: 05 Abr 2013.

REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos Literários/ Carlos Reis*. 1. Ed.- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. –São Paulo: Paulus, 2010.

SCHOLES, Robert. *English after the fall: From literature to textuality*.-Iowa City: IOWA, 2011

SILVA, Lucas da .*era uma vez uma princesa que conheceu a angelina joli e viajaram de avião, e eles caiu e morreram todos #GLADS2012* 14 Mai 2012. Twitter: @LucasDA80862235. Disponível em: <https://twitter.com/LucasDA80862235>. Acesso em: 05 Abr 2013.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, 2005. p.443-466.

BIBI, .*Acho melhor a gente ser só amigos. Realmente ficaram amigos. Nunca mais se falaram #GLADS2012*. 27 Abr 2012. Twitter: @biancamdemoraes. Disponível em: <https://twitter.com/biancamdemoraes>. Acesso em: 05 Abr 2013.